



Hospitais referenciam demasiado tarde. Há quem morra antes de ter vaga numa unidade

## Doentes terminais esperam semanas por cuidados

**Paliativos.** Tutela e Fundação Gulbenkian assinam acordo para formar 1500 técnicos e criar equipas para apoiar doentes em fim de vida

DIANA MENDES

Os doentes que deviam beneficiar de cuidados paliativos apenas "são referenciados pelas unidades de saúde em média ao fim de 20 a 22 dias de internamento, quando deviam ser ao fim de 24 a 48 horas". Inês Guerreiro, coordenadora da Unidade de Missão para os Cuidados Continuados Integrados, diz ao DN que este "é um dos principais pontos fracos da rede", que, no caso de Lisboa, pode significar meses até se ter uma vaga. Hoje, a unidade de missão assina um protocolo com a Fundação Calouste Gulbenkian, com o objectivo de aumentar a formação na área e beneficiar mais doentes.

De acordo com dados de 2010, a assistência está a melhorar, mas "mantém-se a referência tardia, que é uma questão cultural. Se nas outras regiões, a média é de 20 dias, apesar de tudo a espera para encontrar unidade é de um a dois dias. Mas isso não acontece em Lisboa, já que se chega a esperar por uma vaga entre dois a três meses, porque não há camas".

A referência apenas em fim de vida também continua a marcar o dia-a-dia de quem precisa, quando faria sentido tratar os doentes nas unidades adequadas, mas "não apenas para morrer", refere a responsável. A especialista critica ainda o facto de "centenas a milhares de doentes morrerem sem sequer terem sido sinalizados para as unidades de paliativos".

Mas nem tudo é negativo. No último ano foram encaminhados para estas unidades 2593 doentes, mais 48% do que no ano anterior. Já os que foram assistidos em toda a rede foram 3179, mais cerca de 1150 do que em 2009. Inês Guerreiro refere que foram assistidos mais doentes no total, mas ressalva que "552 foram tratados no âmbito das equipas de cuidados domiciliários, além de cerca de mil noutras unidades da rede. Na maioria foram unidades de longa

duração, que têm recursos humanos com formação na área da dor".

**Um milhão de euros para formar**  
No dia Mundial da Saúde, o ministério e a Fundação Calouste Gulbenkian assinam um protocolo-chapéu que visa ampliar a formação e a prestação de cuidados paliativos nos próximos três anos. A Fundação compromete-se a contribuir financeiramente para o projecto, que depois terá de ser apoiado pelas Administrações Regionais de Saúde.

Um dos aspectos, que já tinha sido anunciado, visa a formação "até 2012 de 1500 profissionais de saúde na área da dor crónica por parte do IPO de Lisboa. Até agora já foram formadas 167 pessoas em sete cursos. O objectivo é melhorar a qualidade e a humanização dos cuidados", diz.

O projecto, que terá "um investimento de cerca de um milhão de euros", irá ainda permitir criar quatro equipas de cuidados paliativos, quando só há uma no Algarve. Uma delas é a do Hospital de São João; outra será na Unidade Local de Saúde de Matosinhos, uma terceira no planalto Mirandês e a última é na Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo.

Inês Guerreiro diz ao DN que "estas unidades se comprometem ainda a dar formação às equipas domiciliárias de cuidados continuados nas áreas de influência, de forma a que passem a prestar também apoio na área dos cuidados paliativos".

### BALANÇO

#### PROFISSIONAIS

► **1500** enfermeiros e médicos vão ter formação nos próximos três anos na área da dor crónica. O IPO de Lisboa já formou 167 pessoas em sete cursos.

#### DOENTES

► **3179** doentes terminais foram assistidos em 2010 na rede de cuidados continuados, dos quais 1951 em unidades paliativas e 552 em cuidados domiciliários.

#### CAMAS

► **50 a 60** serão criadas em 2011, no Hospital do Barreiro, Pulido Valente, Fundão e Misericórdias. Há 160 camas e 40 fora da rede.

#### ESPERA

► **48 horas** para achar uma vaga, mas chega a três semanas na região de Lisboa e Vale do Tejo.